

ATIVIDADE ECONÔMICA

Desempenho do PIB no segundo trimestre de 2023

Sumário

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o produto interno bruto (PIB) avançou 0,9% no segundo trimestre de 2023, na comparação com o trimestre imediatamente anterior, já livre de efeitos sazonais, resultado que sucedeu à alta de 1,8% observada no período anterior. Na comparação interanual, o resultado também foi positivo, com alta de 3,4% sobre o segundo trimestre de 2022. Com isso, o PIB acumula um crescimento de 3,2% em quatro trimestres.

Os resultados vieram acima da nossa previsão, divulgada na nota *Visão Geral da Conjuntura* nº 33,¹ no início de julho deste ano, quando prevíamos 2,3% na comparação interanual, com avanço nulo na margem. A mediana das expectativas coletadas pelo Banco Central do Brasil (BCB), na data da publicação da nota (5 de julho), apontava para a mesma taxa interanual do PIB. Com o crescimento do PIB no segundo trimestre, o *carry-over* para 2023 ficou em 3,2% – ou seja, caso permaneça estagnado ao longo dos próximos dois períodos, o PIB fechará o ano com alta de 3,2%.

De modo geral, o bom desempenho no segundo trimestre foi bastante disseminado entre os componentes do PIB, e sua composição confirmou nossas expectativas. As exportações se destacaram como item de maior contribuição ao crescimento interanual do PIB, explicado tanto pela forte demanda internacional por *commodities* brasileiras como pelo ganho de parcela de mercado de petróleo e soja antes atendidos por concorrentes, conforme indicado na *Visão Geral da Conjuntura* já mencionada. Esse forte crescimento também transparece no desempenho positivo das atividades da agropecuária e indústria extrativa. Contudo, essa não é toda a história, visto que o mercado interno também desempenhou papel positivo, e, juntos, o consumo da família e o do governo também apresentaram contribuição elevada no PIB. As medidas do governo que visam sustentar a renda das famílias e a dinâmica do mercado de trabalho explicam o crescimento do consumo das famílias e a manutenção do ritmo de crescimento dos serviços. A ampliação dos serviços públicos também transparece na aceleração do crescimento do consumo do governo.

Por sua vez, os investimentos produtivos, especialmente em máquinas e equipamentos, ainda apresentam quadro de estagnação, com contribuição negativa ao crescimento interanual do PIB. Quadro ainda desafiador é o da indústria de transformação, com queda na variação interanual, ainda que tenha interrompido a se-

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Julia de Medeiros Braga

Coordenadora de acompanhamento e estudos da conjuntura na Dimac/Ipea

julia.braga@ipea.gov.br

Divulgado em 04 de setembro 2023

1. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2023/07/230705_cc_59_nota_33_visao_geral.pdf.

quência de três trimestres de queda na margem. O nível elevado dos juros pode ter papel relevante no mau desempenho da demanda por investimentos e da atividade manufatureira.

Mais detalhadamente, em relação à ótica da produção, após o excepcional crescimento registrado no primeiro trimestre, o PIB da agropecuária voltou a se destacar, com alta de 17% na comparação interanual, resultado que ficou acima da nossa projeção de 12% na margem sobre o mesmo trimestre de 2022. Entre os fatores condicionantes, além das contribuições positivas das lavouras de milho, algodão e café no período, destacou-se novamente o desempenho da soja, cuja estimativa para 2023 foi de 25%.

Os crescimentos de 0,6% na margem e 2,3% em termos anuais do setor de serviços também ficaram acima da nossa projeção, que era de 0,2% e 1,6%, respectivamente. Entre os seus componentes, o crescimento ocorreu de forma generalizada, com destaque para os serviços de transporte, armazenagem e correio – influenciados positivamente pelo escoamento da produção de soja –, para os serviços ligados às atividades financeiras e para o segmento outras atividades de serviços, em que se encontram aqueles prestados às famílias.

Por fim, o setor industrial registrou avanços de 0,9% na margem e de 1,5% em termos interanuais, superando nossas expectativas, que eram de 0,3% para ambas as comparações. O cenário permanece desafiador, embora apresente um grau de heterogeneidade entre os segmentos. Se as indústrias extrativas registraram o quinto avanço seguido na margem, com alta de 1,8%, em contrapartida, o segmento manufatureiro ficou praticamente estagnado, com pequena elevação de 0,3% na margem, resultado este que sucedeu a três quedas consecutivas. Se, por um lado, algumas restrições relacionadas à oferta de insumos se dissiparam, com destaque para a trajetória de queda nos preços de insumos, por outro, os efeitos da política monetária contracionista ainda contribuem de forma negativa.

Pela ótica da despesa, as exportações tiveram forte aumento interanual (12,1%), explicando 2,4 pontos percentuais (p.p.) da expansão de 3,4% de aumento interanual do PIB. Essa expansão ocorre, em grande parte, em virtude de produtos agropecuários, extrativa mineral e alimentos, ficando um pouco acima de nossas projeções (8,8%). Desse modo, as exportações líquidas voltaram a registrar contribuição positiva para o resultado do PIB, a terceira consecutiva.

O consumo das famílias, por sua vez, teve crescimento interanual de 3%, também acima do previsto (1,5%), beneficiado pelo maior nível de renda da população, explicado pelo mercado de trabalho ainda aquecido e pelas transferências de renda por parte do governo. Além disso, a desaceleração das taxas de inflação de alimentos e bens duráveis tem impactado positivamente o orçamento das famílias. Outras medidas também estimularam o varejo de duráveis, como foi o caso dos subsídios para a aquisição de automóveis. Na comparação com ajuste sazonal, o avanço de 0,9% foi o oitavo consecutivo, e representou aceleração em relação ao trimestre imediatamente anterior (0,7%). No entanto, os níveis de endividamento e comprometimento de renda com serviços das dívidas passadas são restrições para uma maior expansão das despesas. Já o consumo do governo, que aumentou 2,9% sobre o mesmo período do ano passado, avançou 0,7% na comparação com ajuste sazonal, números também superiores aos previstos e acima do ritmo verificado no passado recente. Assim, juntos, o consumo do governo e das famílias contribuiu com 2,4 p.p. para o resultado do PIB.

Por fim, a formação bruta de capital fixo (FBCF) registrou avanço de 0,1% na margem e queda de 2,6% na comparação interanual, ficando este último resultado abaixo da previsão de -1,2%. O resultado na margem foi bastante modesto, tendo em vista as quedas registradas nos dois períodos anteriores. Entre os componentes da demanda interna, foi o único a contribuir negativamente para o crescimento interanual do PIB (-0,5 p.p.). Com o fraco desempenho da FBCF, a taxa de investimento atingiu patamar de 17,2% no segundo trimestre, o que representou queda de 1,1 p.p. em relação ao mesmo período de 2022.

A variação de estoques também contribuiu negativamente para o resultado interanual do PIB, embora seja um fator positivo, uma vez que está possivelmente associado ao escoamento da produção agropecuária. A parte da demanda interna que foi atendida pela oferta externa – as importações – cresceu a uma taxa de 2,1%, superior à nossa projeção de 1%; o forte crescimento na margem (4,5%) é mais um sinal de aquecimento da demanda interna, que acaba demandando essas importações.

1 PIB

O PIB avançou 0,9% no segundo trimestre de 2023, na comparação com o período anterior, já livre de efeitos sazonais, e 3,4% na comparação interanual, de acordo com o IBGE (gráfico 1). Em valores correntes, o PIB totalizou R\$ 2,65 trilhões entre os meses de abril e junho, sendo R\$ 2,32 trilhões referentes ao valor adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 335,7 bilhões aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. Na comparação acumulada no ano, o PIB possui altas de 3,7%, em termos anuais, e de 2,8%, em termos dessazonalizados. Na comparação acumulada em quatro trimestres, o PIB registrou expansão de 3,2%. Entre os componentes pelo lado da produção, os setores agropecuário e de serviços exerceram as maiores contribuições, sendo responsáveis por 1,2 p.p. e 1,4 p.p. da taxa de crescimento interanual. Pela ótica da despesa, destacaram-se o consumo das famílias e as exportações líquidas, com adição de 1,9 p.p. e 2 p.p. ao resultado.

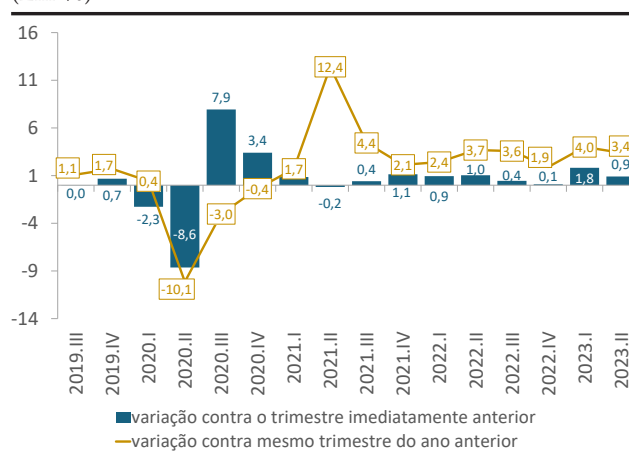
O avanço de 0,9% do PIB no segundo trimestre, que sucedeu à alta de 1,8% observada no período anterior, representou a oitava variação positiva seguida nesta base de comparação. Diferentemente do que aconteceu nos primeiros três meses do ano, o resultado apresentou uma composição mais benigna, com um grau de difusão mais elevado. Além dos setores considerados mais exógenos ao ciclo, como é o caso da agropecuária, da indústria extrativa, por exemplo, observou-se alguma recuperação em atividades mais cíclicas. A dinâmica do mercado de trabalho, somada aos impulsos fiscais (aumento do salário mínimo, reajuste do Bolsa Família, subsídios para compra de duráveis) e à desaceleração das taxas de inflação, continuou a impulsionar o consumo de bens e serviços pelas famílias, mais que compensando os possíveis efeitos defasados da política monetária contracionista.

Embora ainda enfrente um cenário mais restritivo, o PIB industrial avançou 0,9% na margem. Com o resultado do segundo trimestre, a *carry-over* para 2023 aumentou de 2,5% para 3,2% – ou seja, caso permaneça estagnado ao longo dos próximos dois trimestres, o PIB fechará o ano com alta de 3,2%.²

2 Ótica da produção

Em relação à ótica da produção, o PIB da agropecuária voltou a se destacar, tendo registrado o melhor desempenho entre os setores no primeiro semestre de 2023. Apesar do recuo de 0,9% na margem, ex-

GRÁFICO 1
PIB: evolução das taxas de crescimento trimestral e dessazonalizado
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

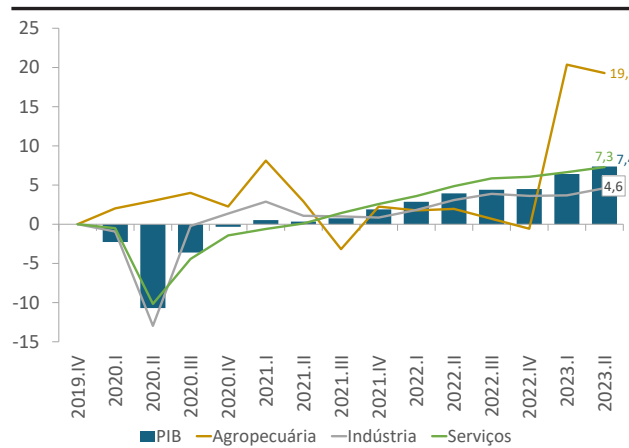
2. O *carry-over*, ou carregamento estatístico, foi calculado da seguinte maneira: supõe-se que a série dessazonalizada terá crescimento nulo na margem ao longo dos dois próximos trimestres de 2023, mantendo-se, assim, no mesmo nível do segundo trimestre do ano. Em seguida, são aplicados os fatores sazonais referentes aos mesmos trimestres de 2022. Por fim, a variação anual é calculada a partir da série encadeada, sem ajuste.

plicado pela alta base de comparação observada no período anterior (21%), o VA agropecuário cresceu 17% na comparação interanual, resultado que sucedeu à expansão de 18,8% no primeiro trimestre. Na comparação acumulada no ano, o setor registrou altas de 20% na margem e de 17,9% na variação interanual. Com isso, o crescimento acumulado em quatro trimestres ficou em 11,2%. Com base no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), o resultado do segundo trimestre foi explicado pelo crescimento das produções de soja (24,5%), milho (13,7%), algodão (10,2%) e café (5,3%), todas com peso relevante no período. Além disso, a atividade de pecuária exerceu contribuição positiva para o crescimento interanual. Com o resultado do segundo trimestre, o *carry-over* para 2023 ficou em 18,4%.

Após demonstrar aceleração no primeiro trimestre do ano, o setor manteve um ritmo elevado de crescimento no segundo trimestre, avançando 0,6% na margem e 2,3% em termos interanuais. Entre os componentes, o bom desempenho verificado no segundo trimestre ocorreu de maneira generalizada. Um dos destaques positivos ficou por conta das atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados, particularmente os seguros de automóveis, influenciados pelo aumento das vendas no período. O quadro benigno dos indicadores do mercado de trabalho e o processo de escoamento da produção agrícola voltada para exportação, especialmente a produção de soja, também exerceram impactos positivos, estimulando os serviços de transporte e armazenamento. Destacam-se ainda os serviços prestados às famílias, que fazem parte do segmento outros serviços. O resultado do segundo trimestre deixa um *carry-over* de 1,9% para 2023.

Por fim, o setor industrial avançou 0,9% sobre o período anterior, na série com ajuste sazonal – segunda alta consecutiva na margem. Na comparação interanual, o resultado também foi positivo, com expansão de 1,5%. Com isso, o PIB da indústria encerra o primeiro trimestre com altas de 1% na margem e de 1,7% interanual. O cenário permanece desafiador, embora apresente certa heterogeneidade entre os segmentos. Se as indústrias extrativas registraram o quinto avanço seguido na margem, com alta de 1,8%, em contrapartida, o segmento manufatureiro, notadamente mais sensível ao ciclo econômico, ficou praticamente estagnado, com pequena elevação de 0,3% na margem, resultado este que sucedeu a três quedas consecutivas. Já na comparação interanual, a indústria de transformação registrou a segunda queda consecutiva (-1,7%). Nesta base de comparação, os destaques negativos ficaram por conta da fabricação de químicos, máquinas e equipamentos, produtos da madeira e aparelhos elétricos. Se, por um lado, algumas restrições relacionadas à oferta de insumos se dissiparam, com destaque para a trajetória de queda nos preços de insumos, por outro, os efeitos da política monetária contracionista ainda contribuem de forma negativa. Com o resultado do primeiro trimestre, o *carry-over* do PIB industrial ficou em 1,2% para 2023.

GRÁFICO 2
PIB e componentes da oferta: taxa de crescimento acumulada – índices dessazonalizados
 (Base: 4º trim./2019 = 0)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 1
PIB e setores produtivos: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/Igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	3T22	4T22	1T23	2T23	3T22	4T22	1T23	2T23	No ano	Em quatro trimestres
PIB a preços de mercado	0,4	0,1	1,8	0,9	3,6	1,9	4,0	3,4	3,7	3,2
Impostos sobre produtos	1,2	0,0	0,1	1,9	3,3	2,4	3,0	3,3	3,1	3,0
Valor adicionado a preços básicos	0,3	-0,1	2,5	0,6	3,6	1,8	4,1	3,4	3,8	3,2
Agropecuária	-1,2	-1,3	21,0	-0,9	3,2	-2,9	18,8	17,0	17,9	11,2
Indústria	0,8	-0,2	0,1	0,9	2,8	2,6	1,9	1,5	1,7	2,2
Extrativa	0,5	2,7	3,0	1,8	-2,6	1,4	7,7	8,8	8,2	3,5
Indústria de transformação	-0,1	-1,3	-0,7	0,3	1,7	1,0	-0,9	-1,7	-1,3	0,0
Eletricidade e gás, água, esgoto, ativ. de gestão de resíduos	1,2	1,4	1,6	0,4	11,2	10,8	6,4	4,8	5,6	8,1
Construção	0,9	-0,7	-0,7	0,7	6,6	3,2	1,5	0,3	0,9	2,9
Serviços	0,9	0,2	0,6	0,6	4,5	3,3	2,9	2,3	2,6	3,3
Comércio	0,2	-0,7	0,3	0,1	2,0	2,1	1,6	0,1	0,9	1,5
Transporte, armazenagem e correio	1,0	0,2	1,2	0,9	8,8	5,3	5,1	3,4	4,2	5,6
Informação e comunicação	3,5	1,0	-1,4	0,7	6,9	4,9	6,8	3,8	5,3	5,6
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	2,6	1,6	1,3	1,3	1,7	2,4	4,6	6,9	5,8	3,9
Atividades Imobiliárias	1,4	0,5	0,4	0,5	3,2	3,2	2,8	2,8	2,8	3,0
Outras atividades de serviços	1,1	1,0	-1,0	1,3	9,8	8,3	4,3	2,4	3,3	6,2
Adm., defesa, saúde e educação públicas e seguridade social	1,1	-0,4	0,5	0,4	1,5	-0,3	0,4	1,6	1,0	0,8

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2
PIB por setor: contribuição para a taxa real de crescimento interanual¹
 (Em p.p.)

	2021		2022				2023	
	T3	T4	T1	T2	T3	T4	T1	T2
PIB²	4,4	2,1	2,4	3,7	3,6	1,9	4,0	3,4
Impostos sobre produtos	0,8	0,1	0,1	0,3	0,4	0,3	0,4	0,5
Agropecuária	-0,4	0,0	-0,5	-0,1	0,2	-0,2	1,4	1,2
Indústria	0,2	-0,1	-0,3	0,5	0,5	0,4	0,4	0,3
Serviços	3,8	2,1	3,2	3,0	2,4	1,4	1,8	1,4

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ Valores aproximados.

² Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento, em porcentagem.

BOX 1

Crescimento interanual: contribuições por setor pela ótica da produção

- Na comparação interanual, o setor de serviços voltou a ser um dos destaques positivos, adicionando 1,4 p.p. ao crescimento do PIB.
- Mais um excelente desempenho da agropecuária que adicionou, por sua vez, 1,2 p.p. ao resultado do primeiro trimestre.
- Por fim, a indústria e os impostos exerceram impactos mais modestos, contribuindo com 0,3 p.p. e 0,5 p.p. na base de comparação interanual, respectivamente, puxados pelo desempenho da indústria extrativa.

3 Ótica da despesa

Pela ótica da despesa, as exportações voltaram a apresentar forte crescimento na comparação interanual (12,1%), com destaque para a produção agropecuária, extração de petróleo e gás, extração de minerais e produtos alimentícios. Com essa expansão, as exportações foram a componente das despesas com maior contribuição ao PIB (2,4 p.p.).³ Este resultado, somado a uma expansão mais modesta das importações (2,1%), levou ao registro de contribuição positiva por parte das exportações líquidas para o resultado do primeiro trimestre, na comparação interanual.

O consumo das famílias também surpreendeu com avanço de 0,9% na margem, com ajuste sazonal, representando pequena aceleração e uma taxa positiva pelo oitavo trimestre consecutivo. Embora os níveis de endividamento e comprometimento de renda com serviços de dívidas passadas continuem restringindo uma expansão mais robusta, a trajetória de crescimento real da massa de rendimentos ampliada por benefícios sociais, assim como a desaceleração das taxas de inflação, especialmente de itens com maior peso no orçamento das famílias de mais baixa renda,⁴ tem impactado positivamente o orçamento das famílias. Outras medidas também estimularam o varejo de duráveis no período, como foi o caso dos subsídios para a aquisição de automóveis. Na comparação interanual, a alta foi de 3,2%, levando a uma contribuição de 1,9 p.p. no resultado interanual do PIB. No acumulado em quatro trimestres, a alta é de 3,9%. O resultado deixa um *carry-over* de 2,5% para 2023.

Por sua vez, o consumo do governo subiu a um ritmo elevado para patamares históricos: 2,9% em relação ao mesmo período de 2022 e 0,7% na comparação com ajuste sazonal, acumulando crescimento de 2% no primeiro semestre de 2023 em relação ao mesmo período do ano anterior. O *carry-over* para 2023 ficou em 1,7%.

Por fim, a FBCF registrou alta de 0,1% na margem e queda de 2,6% na comparação interanual, ficando este último resultado abaixo da previsão de 1,2%. O resultado na margem foi bastante modesto, tendo em vista as quedas registradas nos dois períodos anteriores, que foram de -1,2% e -3,4%, respectivamente. Com isso, encerrou o primeiro semestre de 2023 com quedas acumuladas de 3,3% na margem e de 0,9% na variação interanual. Com o fraco desempenho da FBCF, a taxa de investimento atingiu patamar de 17,2% no segundo trimestre, o que representou queda de 1,1 p.p. em relação ao mesmo período de 2022. O resultado do segundo trimestre deixa um *carry-over* de -2,5% para 2023 para a FBCF. A taxa de poupança bruta, por sua vez, recuou 0,7 p.p. na comparação interanual, passando de 18,4% para 16,9%. Com isso, a poupança externa ficou positiva no segundo trimestre em 0,4% (gráfico 4).

TABELA 3
PIB e componentes de demanda: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/Igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	3T22	4T22	1T23	2T23	3T22	4T22	1T23	2T23	No ano	Em quatro trimestres
PIB a preços de mercado	0,4	0,1	1,8	0,9	3,6	1,9	4,0	3,4	3,7	3,2
Absorção interna (demanda interna final + var. de estoques)	0,6	-0,8	2,2	1,0	3,9	0,7	3,0	1,3	2,2	2,2
Demanda interna final	1,2	0,3	-0,5	1,0	4,0	3,4	2,6	1,9	2,2	3,0
Consumo total	0,8	0,6	0,3	1,2	3,8	3,4	3,0	2,9	3,0	3,3
Consumo das famílias	0,8	0,4	0,7	0,9	4,6	4,3	3,5	3,0	3,2	3,9
Consumo do governo	1,5	0,3	0,4	0,7	1,0	0,5	1,2	2,9	2,0	1,4
FBCF	2,1	-1,2	-3,4	0,1	5,0	3,5	0,8	-2,6	-0,9	1,7
Exportações de bens e serviços	5,5	3,5	0,3	2,9	8,1	11,7	7,0	12,1	9,7	9,8
Importações de bens e serviços	5,2	-3,7	-3,9	4,5	10,6	4,6	2,2	2,1	2,1	4,9

Fonte: IBGE.

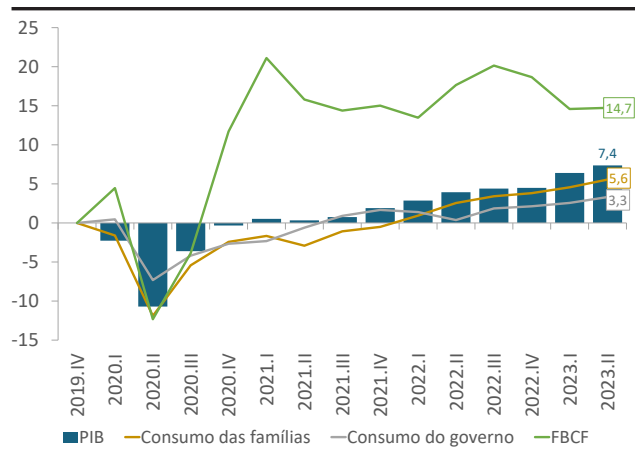
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3. A contribuição leva em consideração o ritmo de crescimento e o peso da componente em valores correntes no PIB nominal.

4. Ver a nota *Inflação por Faixa de Renda* nº 60, disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2023/07/230714_cc_60_notas_04_ifr.pdf.

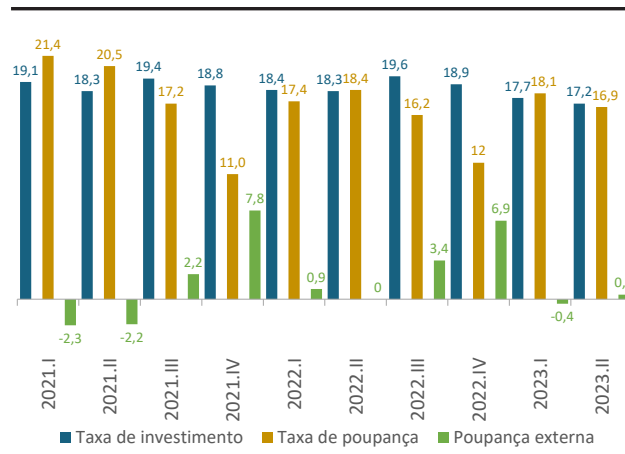
Finalmente vale notar que houve desacúmulo de estoques no segundo trimestre, ao contrário do que ocorreu no primeiro trimestre do ano. Possivelmente associada ao escoamento da produção agropecuária, a variação de estoques contribuiu negativamente para o resultado interanual do PIB. Assim, a absorção interna, correspondente à soma da demanda interna com a variação de estoques, contribuiu com 1,4 p.p. para o resultado interanual do PIB.

GRÁFICO 3
PIB e componentes da demanda: taxa de crescimento acumulada – índices dessazonalizados
 (Base: 4º trim./2019 = 0)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4
Poupança externa: evolução das taxas de investimento versus taxas de poupança interna e externa
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

BOX 2

Crescimento interanual: contribuições pela ótica da despesa

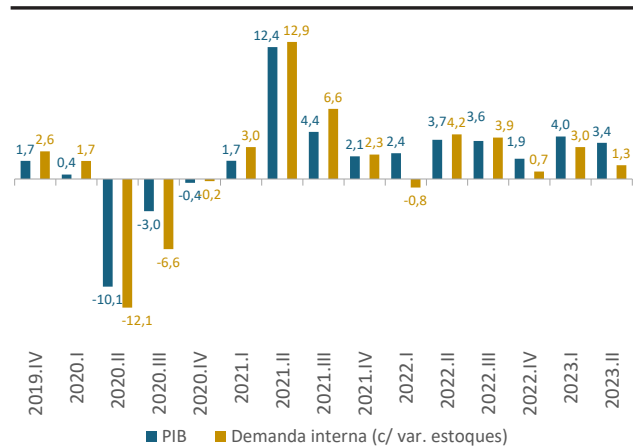
- As exportações exerceram a maior contribuição pelo lado das despesas (2,4 p.p.) para o crescimento interanual de 3,4% do PIB.
- O consumo total contribuiu com outros 2,4 p.p., sendo 1,9 p.p. do consumo das famílias e 0,5 p.p. da contribuição do consumo do governo.
- Os investimentos em capital fixo, contudo, subtraíram 0,5 p.p. do resultado interanual.
- Outra contribuição negativa veio da variação de estoques (-0,5 p.p.), mas é reflexo da escoação da produção interna, em razão da elevada demanda agregada.

TABELA 4
PIB pela ótica da despesa: contribuição para a taxa real de crescimento trimestral
 (Em p.p.)

	2021		2022				2023	
	T3	T4	T1	T2	T3	T4	T1	T2
PIB¹	4,4	2,1	2,4	3,7	3,6	1,9	4,0	3,4
Absorção interna (demanda interna final + var. de estoques)	7,1	2,1	-1,2	4,4	4,0	0,5	3,0	1,4
Demanda interna final	7,2	2,7	1,0	3,9	4,0	3,4	2,6	1,9
Consumo total	4,0	2,2	2,3	3,6	3,0	2,7	2,4	2,4
Consumo das famílias	3,0	1,3	1,5	3,5	2,8	2,6	2,2	1,9
Consumo do governo	1,1	0,9	0,7	0,2	0,2	0,1	0,2	0,5
FBCF	3,1	0,5	-1,2	0,3	0,9	0,7	0,1	-0,5
Variação de estoques	-0,1	-0,6	-2,3	0,5	0,0	-2,9	0,4	-0,5
Exportações líquidas de bens e serviços	-2,6	0,1	3,7	-0,7	-0,4	1,4	1,0	2,0
Exportações	0,7	0,5	1,7	-0,9	1,6	2,3	1,4	2,4
Importações	-3,3	-0,5	2,0	0,2	-2,0	-0,9	-0,4	-0,4

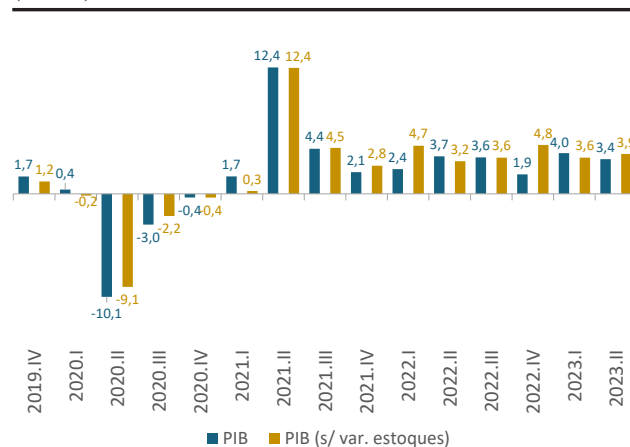
Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: ¹ Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento, em porcentagem.

GRÁFICO 5
Taxas de crescimento: PIB versus demanda interna – taxa trimestral
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

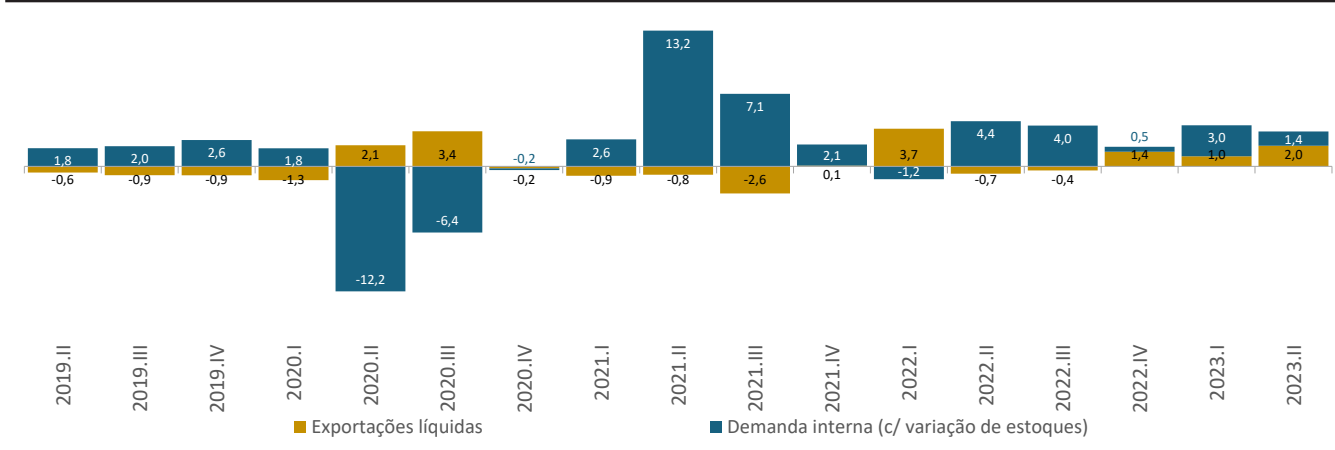
GRÁFICO 6
Taxas de crescimento: PIB versus PIB sem estoques – taxa trimestral
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7

Contribuição para a taxa real de crescimento trimestral do PIB: absorção doméstica *versus* exportações líquidas (Em p.p.)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)

Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter

Andreza Aparecida Palma

Antônio Carlos Simões Florido

Cristiano da Costa Silva

Paulo Mansur Levy

Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão

Caio Rodrigues Gomes Leite

Camilla Santos de Oliveira

Diego Ferreira

Felipe dos Santos Martins

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Pedro Mendes Garcia

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
